

A inter-relação entre papel social e posição na manifestação do conflito interacional

Roberta Fernandes Pacheco¹
Alice Silva Müller²

RESUMO: Este artigo tem o objetivo de analisar como as *posições* associadas a *papéis sociais* manifestados em uma entrevista política geram *conflito* no curso da interação. Ancorado nos estudos sociointeracionais da Linguística, o artigo opera com a relação teórica entre papel social, posição e conflito, apoiando-se, dentre outros, em Weizman (2008), Pacheco (2018a) e Haugh e Sinkeviviute (2018, 2019). A entrevista analisada é derivada do programa *Roda Viva* da TV Cultura, transmitida ao vivo em 30/07/2018, tendo como entrevistado o então candidato à presidência Jair Bolsonaro. Essa entrevista compõe o corpus do projeto de pesquisa *A construção/ negociação de papéis e posições na fala-em-interação institucional* (BIC/ UFJF), que conta com mais quatro entrevistas do referido programa, abrangendo diversos cenários políticos no Brasil ao longo dos últimos vinte anos. A partir de uma abordagem qualitativa e interpretativa, a análise evidencia que as posições, associadas a papéis sociais, são disputadas interacionalmente, através de sequências de conflito perpassadas por estratégias interacionais como acusações e discordâncias.

PALAVRAS-CHAVE: Papel Social. Posição. Conflito interacional. Entrevista política.

-
1. Prof^a Adjunta do Dept^o de Letras Estrangeiras Modernas da Faculdade de Letras/ UFJF. Coordenadora do projeto de pesquisa *A construção/ negociação de papéis e posições na fala-em-interação institucional* (UFJF), email: robertafepacheco@gmail.com;
 2. Mestranda do programa de Pós-graduação em Linguística da Faculdade de Letras/ UFJF, email: lice_vrb@hotmail.com.

1. INTRODUÇÃO

Estudar o conflito na fala-em-interação não é algo novo nos estudos sociointeracionais da Linguística. Estudos como os da argumentação (DERSLEY; WOOTTON, 2000; ALCAIDE, 2004), impolidez (ANGOURI; TSELIGA, 2010; BLAS ARROYO, 2013) e identidade (STOKOE, 2009; SILVA; VIEIRA, 2019) já expandiram o conceito a partir de diferentes contextos de análise. No entanto, estabelecer uma relação entre conflito, papel social e posicionamento, a que se dedica este artigo, é algo relativamente recente e pouco explorado na área.

Os estudos de Weizman (2006, 2008) são os que mais se aproximam da relação entre esses três construtos teóricos, apesar da autora centrar-se no desafio interacional e não necessariamente no conflito como discussão teórica. Outros estudos abordados aqui relacionam o posicionamento ao conflito (HARRÉ *et al.*, 2009; PÉREZ ARREDONDO, 2019), contudo, sem considerar o papel social nessa equação. Acreditamos, então, que esse trabalho possa contribuir para uma proposta de inter-relação entre papel social, posição e conflito emergentes no discurso em interação.

A partir de uma abordagem qualitativa e interpretativa de análise, buscamos analisar como as posições associadas a papéis sociais manifestados em uma entrevista, com um presidenciável na disputa eleitoral no ano de 2018 no Brasil, podem gerar conflito no curso da interação. Consideramos conflito como uma ação discursiva “local, situada, interacionalmente realizada pelos participantes” (LEUNG, 2002, p.3) que manifestam “oposição a uma ação ofensiva antecedente” (HAUGH; SINKEVIVIUTE, 2019, p.12). Por papel social e posição recuperamos os trabalhos de Weizman (2008) e Pacheco (2018a, 2020), que estabelecem uma relação de interdependência entre esses conceitos, sendo o primeiro considerado uma categorização de membro de grupo e o segundo a forma como cada pessoa concebe a si mesmo e aos outros na interação.

A entrevista analisada é derivada do programa *Roda Viva* da TV Cultura transmitida ao vivo em 30/07/2018, tendo como entrevistado o então candidato à presidência Jair Bolsonaro. A entrevista compõe o corpus do projeto de pesquisa *A construção/ negociação de papéis e posições na fala-em-interação institucional* (BIC/ UFJF). As transcrições dos dados baseiam-se nas contribuições da Análise da Conversa (SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 1974), cujas convenções encontram-se em anexo.

2. PAPEL SOCIAL, POSIÇÃO E CONFLITO

A relação entre papel social, posição e conflito foi inferida por Weizman (2008) no campo dos estudos interacionais, em um momento em que as teorizações sobre papel ganhavam espaço na linha sociointeracional discursiva da Linguística, abordando cenários profissionais (SARANGI; SLEMBROUK, 1996; WEIZMAN, 1996, 2006; SARANGI, 2010, 2011).

A partir da análise de *entrevistas de notícias*³, a autora associa o desafio às noções de posicionamento e papel, considerando-o um componente que possui um status privilegiado nesse *locus* de análise, favorecendo um ambiente de confronto em que disputas de pontos de vista estão em evidência na atividade, frequentemente por meio do conflito.

Para definir sua proposta de análise, Weizman (2006) recupera a abordagem desenvolvida em Goffman (1974) sobre a noção de papel como um aspecto da identidade pessoal. Segundo Goffman, “como parte de sua identidade pessoal, ele [o indivíduo] reivindica uma variedade de capacidades ou funções – ocupacional, doméstica, e assim por diante, [...] eu uso o termo “papel” como um equivalente a essa capacidade ou função especializada” (GOFFMAN, 1974, p. 128-129, aspas no original). O autor argumenta que qualquer que seja a participação de um indivíduo em uma determinada atividade, uma distinção entre “o que é chamado de pessoa, indivíduo ou jogador, ou seja, aquele que participa, do que é chamado de papel específico, a capacidade, ou a função que ele realiza durante essa participação” (GOFFMAN, 1974, p. 269) deve ser estabelecida.

Dessa forma, reconhecendo que há “diferenças e sobreposições entre os conceitos de papel e identidade” (WEIZMAN, 2006, p. 156), Weizman visualiza a noção de papel “como pressupondo de várias formas uma categorização de membro de grupo, de tal modo que ao desempenhar um papel, a pessoa concebe a si própria como um membro de uma dada categoria” (WEIZMAN, 2006, p. 156). Essa categorização de membro de grupo é central na definição de papel social da autora:

Os papéis sociais se relacionam com as obrigações referentes ao status e às atividades dos falantes, tais como ser um político, um físico, um amigo, etc. [...] o entrevistado, assim como qualquer outro membro ativo da sociedade, preenche mais que um papel social, mas geralmente apenas um papel nesse repertório é relevante em uma dada situação, e é em virtude desse papel que o entrevistado é convidado para a entrevista (WEIZMAN, 2006, p. 161).

Nessa definição, que remonta às categorias de grupo e ao status social do falante – “um político, um físico, um amigo, etc” –, o papel social é dependente das relações interpessoais e dos grupos formados por essas relações, uma vez que o status social do indivíduo configura-se em sociedade, o que significa, por exemplo, que se alguém é categorizado como professor é porque há uma outra categoria estabelecida socialmente como aluno.

3. As entrevistas de notícias são atividades institucionalizadas orientadas para a meta de fazer notícia, cujos participantes possuem papéis discursivos assimétricos na interação: o jornalista pergunta e o entrevistado responde. No entanto, no curso da entrevista outras metas interacionais se fazem presentes, como a disputa por pontos de vista ou a confrontação como entretenimento da audiência.

Cabe ao indivíduo a percepção do papel social que deve ser desempenhado em uma dada situação e torná-lo relevante. Na entrevista política dos dados analisados, o papel social *candidato à presidência* é o principal do encontro, visto que é o motivo pelo qual o entrevistado é convidado para a entrevista. No entanto, outros papéis sociais são tornados relevantes no decorrer do encontro. Notemos a atribuição de papéis dada ao entrevistado na pergunta abaixo:

27 Daniela =uma das::das suas bandeiras digamos assim né deputado, tem muito
28 apelo (0,3)muito apoio em uma parcela significativa da sociedade
29 é a disposição que o senhor tem de facilitar o porte de armas o
30 senhor é um militar treinado(...)
31 por que que eu ou o lessa que não temos treinamento
32 com arma ficaríamos mais seguros com uma arma dentro de casa?

A entrevistadora atribui três papéis sociais ao entrevistado em seu turno de pergunta: candidato, deputado e militar. Desses três, apenas o primeiro não é citado no turno de fala. No entanto, a inferência é evidenciada quando ela menciona entre as linhas 27 e 29 que *uma das suas bandeiras é a disposição que o senhor tem de facilitar o porte de armas*. Essas atribuições são feitas ao candidato, sinalizando com *bandeira* uma de suas propostas de governo que, caso saísse vencedor da disputa eleitoral, teria o poder de propor a facilitação do *porte de armas*.

Sendo assim, não há apenas um único papel social que possa ser manifestado no encontro. No curso interacional, novos papéis são introduzidos em uma relação de interdependência com a atividade em andamento. Como defende Pacheco (2018b, p. 79), papel é considerado “como um construto social, discursivo e inerente à atividade” e “entender as relações de papel estabelecidas em uma interação permite ao analista visualizar de que forma o discurso é construído e organizado interacionalmente”.

Essa abordagem de papel social como um construto dinâmico interacional é associada por Weizman (2008) e, posteriormente, por Pacheco (2018a, 2020), ao conceito de *posição* proveniente da teoria do posicionamento de Langenhove e Harré (1999). Ambas as autoras consideram que o conceito de posicionamento opera em conjunto com a noção de papel, uma vez que os interagentes posicionam e reposicionam a si e aos outros no discurso, constantemente e dinamicamente, em seus diferentes papéis sociais.

A teoria do posicionamento considera os conceitos de *posicionar a si mesmo* e *tomar posições*, discutidos em Hollway (1984),⁴ para definir o posicionamento como um processo discursivo pelo qual as pessoas são localizadas nas conversas como participantes coerentes em *linhas de história* que são construídas conjuntamente. Nas palavras de Harré, mais recentemente:

4. Como cientista social, Hollway abordou os conceitos posição e posicionamento para discutir a construção da subjetividade no âmbito das relações heterossexuais.

A teoria do posicionamento é uma abordagem para a análise dos padrões de ações interpessoais criadas pelos indivíduos envolvidos no desenrolar de um episódio social no qual direitos e deveres são criados e mantidos ad hoc por meio de interações discursivas entre os atores presentes e envolvidos no episódio (HARRÉ, 2015, p 2).

Esses “padrões de ações interpessoais” giram em torno das posições negociadas no “desenrolar de um episódio social”. Segundo Davies e Harré (1999), uma posição se refere à produção discursiva do *self* e incorpora um repertório conceptual e uma localização para os indivíduos dentro de um sistema de direitos e deveres. As posições indicam a forma como cada pessoa concebe a si mesmo e aos outros: “se A se posiciona como poderoso em relação à B, então B é posicionado como menos poderoso em relação à A, e vice versa; se A posiciona B como poderoso, A é necessariamente posicionado como menos poderoso” (HARRÉ; LANGENHOVE, 1999, p. 1-2).

Sendo assim, o interagente posiciona-se e posiciona os outros que poderão aceitar ou negar a posição que lhes foi atribuída. Se negada, ela poderá ser reformulada e reintroduzida no discurso. As posições são efêmeras e podem ser disputadas interacionalmente:

A percepção de que o conteúdo das posições é local e pode até ser momentâneo e efêmero é o insight profundo da teoria do posicionamento. Assim, qualquer ato de posicionamento pode ser desafiado. Desafios a posições, implícitas ou explícitas, são possíveis apenas dentro de um contexto estabelecido de meta-posições, que por sua vez podem ser desafiados. A mudança de posicionamento pode mudar o significado das ações que as pessoas estão realizando, uma vez que as crenças sobre posições determinam parcialmente a força ilocucionária das ações dos membros. Mudanças nos significados das ações podem, conseqüentemente, modificar, às vezes drasticamente, as narrativas que se desdobram em um encontro (HARRÉ *et al.*, 2009, p. 10).

As narrativas – ou linhas de história ou enredos⁵ – são um componente essencial à teoria do posicionamento, porque são através delas que os atos de posicionamento são endereçados. Como afirmam os teóricos da área, qualquer encontro pode se desenvolver ao longo de mais de uma – ou suportar mais de uma – narrativa evoluindo simultaneamente.

Ao considerar que a vida se desenrola em múltiplas narrativas interligadas, Harré *et al.* (2009) destacam a importância das ações discursivas determinadas pelas posições dos atores na construção das linhas de história.

5. Os termos *storyline* (enredo, narrativa), *story line* (linha de história) e *story-line* (narrativa) são usados recorrentemente na Teoria do Posicionamento. Nesse artigo, não fazemos diferença no uso entre os termos.

Os autores recuperam a discussão de enquadre⁶ de Goffman (1974) para referir-se a gêneros de narrativas: “Por exemplo, alguém pode desafiar uma narrativa no enquadre médico mudando para um enquadre legal, ou pode-se mudar de uma narrativa médica para outra, sem romper o enquadre” (HARRÉ *et al.*, 2009, p. 12). Sendo assim, a visão do enquadre nas linhas de história permite delimitar a coerência nas narrativas e o tipo de desafios que podem surgir em suas coconstruções.

É interessante notar que as discussões teóricas abordadas aqui sobre a teoria do posicionamento mencionam dois pontos principais: o desafio, que perpassa o conflito interacional, e os direitos e deveres do ator social em interação.

Segundo Pérez-Arredondo (2019, p. 242), a teoria do posicionamento tem contribuído para a solução de conflitos interpessoais a partir da identificação do que os indivíduos acreditam ser seus direitos e deveres no encontro. Essa crença pode determinar as ações desses indivíduos, já que há fatores situacionais, históricos e sociais envolvidos nas “ordens morais específicas” que podem afetar as percepções das pessoas sobre sua própria realidade.

É nesse cenário moral local que as posições são manifestadas; os indivíduos se posicionam e posicionam o outro a partir da crença no direito de realizar determinado ato discursivo. Em situações de conflito, os princípios do direito e do dever podem não ser considerados por todos os interagentes da mesma forma. Quando o jornalista Bernardo diz ao entrevistado, por exemplo, “não é verdade” (l. 12) no excerto abaixo,

```
03 Bernardo o senhor tem criticado a política tradicional tem criticado a
04 corrupção dos grandes partidos, mas o senhor (...)
06 era visto com muita frequência
07 ao lado do deputado ex-deputado agora preso eduardo cunha (...)

11 Bolsonaro ah primeiro raras vezes eu estive ao lado de eduardo cunha=

12 Bernardo =não é [verdade]
```

o entrevistador está atribuindo ao entrevistado a posição de mentiroso, o que pode ser muito desafiador. Esse ato de posicionamento é realizado a partir da crença no dever de contestar a informação do entrevistado durante a entrevista, e, também no direito de como jornalista contestar a fala apontada como inverídica. De forma inversa, aquele que recebe a posição conflitosa (você é mentiroso) pode crer que aquele que a atribui não tenha esse direito, ainda que possua o dever na interação institucional.

6. O termo enquadre ou Frame proveniente de Goffman (1974) se refere ao que está acontecendo em uma interação, em qual atividade os participantes estão engajados e qual sentido eles dão ao que dizem.

Os direitos e deveres, então, envolvem o que uma pessoa pode ou não fazer nos encontros sociais:

Em resumo, a teoria do posicionamento olha para o que uma pessoa “pode ou não fazer”. “Direitos” e “deveres” são termos abreviados para grupos de pressupostos morais (normativos) nos quais as pessoas acreditam e aos quais estão momentaneamente relacionadas ao que dizem e fazem.

As posições são agrupamentos de crenças sobre como os direitos e deveres são distribuídos no decorrer de um episódio de interação pessoal e as práticas assumidas como certas nas quais a maioria dessas crenças é concretizada. (HARRÉ *et al.*, 2009, p. 9, grifos no original.)

Como as posições são manifestadas a partir desse “agrupamento de crenças” nos direitos e deveres de cada um, faz-se imprescindível para os estudos sociointeracionais considerar o contexto situacional em que essas posições são manifestadas. Nos dados desse artigo lidamos com uma entrevista política a um candidato à eleição presidencial, cuja campanha liderava as pesquisas de opinião pública à época da entrevista. Ainda que não fosse assim, o fato de o programa entrevistar os principais candidatos à eleição em uma série de entrevistas⁷ já nos aponta a possibilidade de questões geradoras de conflito emergirem no decorrer do encontro.

Por conflito, recuperamos os estudos de Grimshaw (1990) cujo termo *fala de conflito* é inserido pelo autor na literatura pertinente da área. Grimshaw captura a ideia central de que os participantes envolvidos em trocas conversacionais formam opiniões alternativas sobre as mesmas questões, sem implicar “uma restrição a um único ato de fala nem a uma única sequência de turno e nem a um único tópico de contenção” (GRIMSHAW, 1990, p.11). Essa definição significa que sequências conflituosas podem abranger longos períodos interacionais e envolverem várias estratégias, como a argumentação, a discordância e até a violência verbal.

Diversos autores posteriores a Grimshaw se utilizaram do termo *fala de conflito* para fundamentarem seus estudos. Haugh e Sinkeviviute (2018, 2019), nas discussões sobre ofensas e acusações, definem que as sequências de conflito surgem quando os interagentes “manifestam oposição a uma ação ofensiva antecedente por meio de movimentos ‘ofensivos’ (por exemplo insultos, ameaças, etc.) ou ‘defensivos’ (por exemplo, contradição direta, rejeição, etc.)” (2019, p.12). Esses movimentos defensivos são mais visíveis em interações institucionais embora movimentos ofensivos também possam ser realizados, ainda que não muito comuns. No entanto, cabe ressaltar que nem sempre os conflitos surgem apesar de ofensas e acusações serem

7. Conferir os aspectos metodológicos do artigo na próxima seção.

emitidas. “A probabilidade da ofensa (percebida) ocasionar conflito depende indiscutivelmente das partes específicas envolvidas” (2018, p. 7), inclusive do contexto situacional e até mesmo das inclinações individuais. Dessa forma, o conflito, na perspectiva sociointeracional emerge no discurso, sendo coconstruído na atividade, ou como afirma Leung (2002, p.3), “a fala de conflito é uma atividade local, situada, interacionalmente realizada pelos participantes”.

É nessa abordagem de conflito - interacional e emergente da atividade - que esse trabalho se insere. A partir do desafio instaurado entre pontos de vista alternativos sobre as mesmas questões (GRIMSHAW, 1990) e associado ao par papel social e posição, que também são visualizados aqui como construtos emergentes da interação, formamos a tríade teórica e analítica desse artigo.

3. ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

A abordagem teórica que fundamenta esse estudo baseia-se em uma perspectiva interacional em Linguística, cujo pressuposto é centrado na interação social como o lugar em que a linguagem em uso se constitui na forma de ação social. Dentre as disciplinas de perspectiva interacional nos estudos da linguagem, este artigo adota os postulados da Sociolinguística Interacional no que tange às abordagens de papel, posição e conflito – conforme discutido na seção anterior – e recorre também à Análise da Conversa (AC) tanto para as convenções de transcrição dos dados (em anexo), quanto para a conceptualização de alguns conceitos – como turno de fala, tomada de turno, sobreposição de fala e discordância – utilizados como ferramenta de análise. O método utilizado é o qualitativo e interpretativo, pois considera que as conceptualizações emergem dos dados e são exemplificadas neles, em um processo de inter-relação (ERICKSON, 1998).

O sistema de tomada de turno (SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 1974) é uma das grandes contribuições da AC aos estudos da linguagem, pois permite analisar a fala-em-interação como um processo sequencial em que a produção de um enunciado seguido de outro orienta os falantes no decorrer da interação, organizando a distribuição de turnos em torno de lugares relevantes de transição, reconhecidos pelos próprios interagentes. É evidente, no entanto, que o gerenciamento do turno é sensível às diferenças do contexto de fala (HUTCHBY, 2011), uma vez que em situações de disputa, nem sempre os lugares relevantes de transição são considerados os mesmos pelos interagentes, o que possibilita o surgimento de sequências de falas sobrepostas em que os interagentes falam ao mesmo tempo, disputando o turno de fala.

Hutchby (2011) argumenta que as situações de disputa constroem sequências interacionais em que a discordância entre os turnos proferidos entre diferentes falantes se faz recorrentemente presente, em um processo denominado pelo autor de *ação-oposição*: “a elocução de um falante é tratada como uma *ação* contestável a qual se opõe o interlocutor; o movimento de *oposição* é tratado como a *ação* da próxima sentença” (HUTCHBY, 2011,

p.351). Esse processo de ação-oposição é considerado neste artigo como seqüências de discordância direta, na qual os interagentes engajam-se na disputa por pontos de vistas pautados em evidências, cujo conceito recuperamos de Grynner (2000). Para a autora, a evidência é um componente da estrutura da argumentação e é baseada em acontecimentos públicos, portanto na essência verdadeiros. Ao disputar seqüências de turnos em torno da evidência, o interagente está na verdade disputando o seu ponto de vista e não, necessariamente, a evidência em si. O que desencadeia a disputa/discordância é a forma como os interagentes se apropriam de determinada evidência em prol de seus interesses argumentativos.

3.1. O CORPUS

A entrevista com Jair Messias Bolsonaro é derivada de uma série de entrevistas com os candidatos à Presidência da República, na eleição de 2018, veiculada no programa *Roda Viva* da TV Cultura. Transmitida no dia 30 de julho de 2018, a entrevista alcançou números expressivos no ambiente digital, ocupando o primeiro lugar nos vídeos em alta na rede, com um alcance superior a nove milhões de visualizações. A grande audiência e repercussão dessa edição foram relevantes para a sua escolha como objeto de análise.

Cabe ressaltar que essa entrevista compõe o *corpus* do projeto de pesquisa *A construção/negociação de papéis e posições na fala-em-interação institucional* (BIC/UFJF), que conta com mais quatro entrevistas do referido programa, abrangendo diversos cenários políticos no Brasil ao longo dos últimos vinte anos.

A entrevista analisada contou com seis entrevistadores: (a) Ricardo Lessa, apresentador do programa; (b) Daniela Lima, editora do Painel da *Folha de São Paulo*; (c) Thaís Oyama, redatora-chefe da *Veja*; (d) Maria Cristina, colunista do *Valor Econômico*; (e) Leonêncio Nossa, repórter do *O Estado de São Paulo* e (f) Bernardo Franco, colunista do *O Globo*.

Para facilitar a leitura, optamos por enumerar as linhas da transcrição a partir de cada intervenção de cada entrevistador, ou seja, a cada tema/ pergunta que um entrevistador traz à entrevista a numeração das linhas se inicia. Como são seis entrevistadores, os turnos são alocados entre eles e não há sobreposição de falas entre os entrevistadores no que tange à vez de questionar o entrevistado.

4. ANÁLISE DOS DADOS

Na entrevista analisada, diversos papéis sociais do entrevistado são manifestados, ora reivindicados por ele próprio, ora atribuídos pelos entrevistadores. Associados a esses papéis, diversos atos de posicionamento são realizados. Pretendemos evidenciar, nesta análise, como as posições negociadas entre os interagentes são inter-relacionadas aos papéis sociais que, em conjunto, podem gerar situações de conflito interacional.

Dentre os vários papéis sociais emergentes na entrevista, o papel de candidato à Presidência ocupa um lugar de destaque em termos de relevância

interacional, sendo o ponto de partida para perguntas e questionamentos dos entrevistadores. No entanto, é importante ratificar que “como um construto social, discursivo e inerente à atividade” (PACHECO, 2018b, p.78), outros papéis sociais vão sendo introduzidos no curso da interação, em uma relação de interdependência com a atividade em andamento, ou seja, é no decorrer das sequências de turnos entre os interagentes que novos papéis vão sendo negociados dinamicamente no discurso. Sendo assim, a manifestação do papel de candidato do entrevistado nos dados não exclui a imersão interacional de seus outros papéis sociais no curso da entrevista.

Quanto aos atos de posicionamento, muitos são realizados no encontro em um processo também dinâmico de negociação interacional. A negociação de posições difere da negociação de papéis sociais, pois nessa última não há contestação das atribuições e/ou reivindicações realizadas, uma vez que o papel social é configurado em sociedade; é como uma bagagem que o indivíduo carrega ao longo de sua vida que pode ser abastecida – novos papéis sociais surgirem –, mas não diminuída – um ex-militar ou um ex-vereador continua sendo um *status* social. Isso significa que se Bolsonaro é deputado, essa categoria é social; não é contestada.

Já as posições envolvem o refutar ou o legitimar do que foi atribuído/ reivindicado. Devido à “percepção de que o conteúdo das posições é local e pode até ser momentâneo e efêmero” (HARRÉ *et al.*, 2009, p.10), os atos de posicionar-se, posicionar o outro ou ser posicionado são negociados a todo o tempo.

Apresentamos a seguir um quadro com o resultado da análise dos papéis sociais que são associados às posições, ambos manifestados na entrevista.

PAPÉIS SOCIAIS DO ENTREVISTADO	ASSOCIADOS A POSIÇÕES
Papéis Sociais	Posições
Deputado Federal/ Parlamentar/ Político (Eixo[↔]: parlamentar)	Incoerente/ Honesto/ Corrupto/ Ético/ Imoral Homofóbico/ Misógino/ Racista/ Privilegiado/ Incompetente/ Mentiroso/ Desonesto
Candidato à Presidência/ Presidenciável (Eixo: candidato)	Incoerente/ Confiável/ Familiar/ Brincalhão/ Xenofóbico/ Perseguido
Militar/ Capitão / Ex-Capitão (Eixo: carreira militar)	Incoerente/ Injustiçado/ Indiscipli- nado/ Desequilibrado/ Privilegiado
Vereador (Eixo: político no RJ)	Popular
Cristão (Eixo: religioso)	Incoerente

Ao emitir um olhar atento às posições do quadro acima, é possível perceber que a posição incoerente é manifestada em todos os papéis sociais do entrevistado, salvo o do vereador, que é um papel reivindicado por Bolsonaro, e apenas uma vez na entrevista, para justificar sua popularidade nas urnas: *eu fui o vereador mais votado pelo partido democrata cristão em oitenta e oito pelo Rio de Janeiro.*

Todas as posições consideradas desfavoráveis ao entrevistado, como racista ou xenofóbico foram atribuídas pelos entrevistadores. As favoráveis, como confiável ou familiar, foram reivindicadas pelo entrevistado. Contudo, todas elas foram ao longo da entrevista, com menos intensidade ou mais, alvos de conflito interacional entre os participantes, como vamos apresentar nos excertos dessa análise.

O primeiro excerto a seguir foi entressacado dos primeiros minutos da entrevista. É a segunda entrevistadora a se dirigir ao convidado:

Excerto (1)

16 Daniela o senhor já disse várias vezes que a eleição sem voto impresso
17 é fraude é: o senhor já disse é nas suas redes sociais né? é
18 quase um::
19 >uma marca< do senhor por que que o senhor então tá se dispondo
a participar de um processo que o senhor considera uma farsa?
20 Bolsonaro olha qual outro caminho eu tenho, se não participar das eleições?
21 >entregar< para o pt ou psdb? entregar pra um dos dois? <eu vou
22 estar na luta> de qualquer maneira pensava dessa maneira mudei
de ideia
23 Daniela não [o senhor não pensava o senhor]
24 Bolsonaro [porque foi uma forma]
25 Daniela disputa eleição
26 [o senhor já disputou]
27 Bolsonaro [<foi uma FORMA>]
28 Daniela sete [eleições pra-do congresso]
29 Bolsonaro [olha só quando decidi]
30 quando decidi dois mil- dois mil e quatorze disputar as eleições a-
31 aproveitei um projeto em andamento e emendei-o e aprovamos o voto
32 impresso que todos nós desconfiamos você não tem como comprovar que
33 houve fraude e nem eu que não houve temos a dúvida e nós sabemos
34 que o poder joga pesado e a argumentação da senhora raquel dodge
35 para que o voto impresso deixasse de valer foi a seguinte que a
36 impressão do voto <prejudica> a segurança das eleições

O excerto acima inicia-se com um questionamento da entrevistadora que tem como base uma fala de Bolsonaro: *o senhor já disse várias vezes que a eleição sem voto impresso é fraude* (l. 16-17). Dito isso, ela o questiona: *por que que o senhor então tá se dispondo a participar de um processo que o senhor considera uma farsa?* (l. 18-19). É possível inferir que a posição incoerente, associada ao papel social de candidato, circunda esse questionamento, pois pressupõe-se que uma pessoa não participará de um processo que ela julga ser objeto de fraude. Quando o faz, suas atitudes estão em contradição com seu discurso, tornando-as incoerente.

O entrevistado justifica sua decisão em participar das eleições nesse cenário de suposta fraude respondendo com uma pergunta: *olha qual outro caminho eu tenho se não participar das eleições?* (l. 20). Com isso, Bolsonaro refuta a posição atribuída a ele, uma vez que alega não ter alternativas que não sejam as eleições, ainda que as considere uma farsa. Ao afirmar que *pensava dessa maneira* (l. 22) mas mudou de ideia, o candidato ratifica a negação da posição incoerente: antes ele acreditava que o processo eleitoral deveria mudar para que ele pudesse participar, mas agora acredita que, mesmo sob suspeita, esse é o único meio.

No entanto, a refutação da posição incoerente não é validada pela entrevistadora que novamente a sustenta quando evidencia que ele nunca pensou em não participar desse processo, já que ele disputou sete eleições para o congresso (cf. l. 23-28). É de domínio público como evidência (GRYNER,

2000) que Bolsonaro nunca questionou o resultado das últimas sete eleições que participou e saiu vitorioso. Nesse momento, a posição incoerente não se relaciona apenas com o papel social de candidato à presidência, mas também com o papel de deputado, visto que ele participou dessas eleições no passado, como candidato a deputado, já as considerando passíveis de fraude.

É nesse papel social de deputado que Bolsonaro profere o turno seguinte. Ao afirmar *proveitei um projeto em andamento* (l. 31) e *aprovamos o voto impresso* (l. 31-32), ele segue refutando a posição atribuída, uma vez que demonstra que quando eleito tentou alterar o processo eleitoral brasileiro, embora sem êxito.

No excerto (1), entrevistado e entrevistadora se engajam em uma sequência de turnos para a validação da posição incoerente associada aos papéis de deputado e candidato. Nessa sequência há uma discordância direta à fala do entrevistado – *não o senhor não pensava* (l. 23) –, em uma disputa pelo turno de fala. A discordância direta ocorre em vários momentos da entrevista. Veja o excerto abaixo, ainda mencionando a temática do voto impresso:

Excerto (2)

03 Bernardo o senhor tem criticado a política tradicional tem criticado a
04 corrupção dos grandes partidos, mas o senhor é: passou muitos
05 anos no pp do paulo maluf o senhor passou anos no ptb do
06 roberto jeferson e até recentemente o senhor era visto com
07 muita frequência ao lado do deputado ex-deputado agora preso
08 eduardo cunha, >eu queria lhe< perguntar o seguinte o eleitor
09 deve acreditar no candidato que faz esse discurso de outsider
10 ou no político que passou tanto tempo do lado de gente que tá
condenada por corrupção?

11 Bolsonaro ah primeiro raras vezes eu estive ao lado de eduardo cunha=
12 Bernardo =não é [verdade]

13 Bolsonaro [eu gosta-] não (0,2) eu gostaria de ter estado mais
14 vezes ao lado dele inclusive agradeço a ele a aprovação é: do
15 voto impresso (0,2) quando você fala em (0,2)
16 <paulo maluf roberto jeferson> por ocasião da votação da ação
17 penal quatrocentos e setenta mensalão o senhor joaquim barbosa
18 foi muito <claro> ele disse ali trocando em outras palavras né?
19 que eu fui o único deputado da base aliada que não foi comprado
20 pelo pt, o senhor alberto youlssef delator também disse em
21 delação premiada em juízo disse que eu fui um dos três deputados
22 federais do pp que não foi buscar dinheiro na petrobrás eu fui
23 um do- o ÚNICO deputado entre MIL quatrocentos e vinte e oito
24 candidatos que não aceitou doação da-de de: dinheiro da jbs da
25 friboi então não é porque eu to naquele meio lá que eu sou o
26 corrupto ou tenho essa intenção (0,2) ou não sou aquilo >que
eu< na prática eu >represento<

27 Bernardo e o dinheiro da jbs que entrou pro senhor o senhor devolveu
28 depois o partido (0,2) depositou exatamente a mesma quantia

29 Bolsonaro °sim°=
30 Bernardo =na sua conta
31 Bolsonaro °sim°

32 Bernardo [fica quase]
 33 Bolsonaro [olha só] em dois mil e quatorze=
 34 Bernardo =muito claro que foi uma doação disfarçada não?
 35 Bolsonaro <calma> (0,2) eu te explico, em dois mil e quatorze você não
 36 podia doar pra candidato você tinha que doar <para o partido>
 37 a jbs entre outras empreiteiras doaram para >vários partidos<
 38 e o presidente do meu partido me <ligou> e falou que ia botar
 39 duzentos mil na minha conta >para a campanha< (...) no dia
 40 seguinte um assessor meu (...) ligou pra mim e falou olha esse
 41 dinheiro que entrou na tua conta é da jbs friboi (0,2) do partido
 42 então eu <devolvi> para o partido o dinheiro em cheque

O primeiro turno do entrevistador no excerto (2) apresenta uma oposição entre as ações do entrevistado como deputado/ político e seu discurso como candidato: ao mesmo tempo em que se apresenta contrário à corrupção dos grandes partidos, mostra-se próximo aos políticos condenados por corrupção. Nessa contradição entre ações e discurso, Bolsonaro é posicionado novamente como incoerente na associação com esses papéis sociais. Ainda é possível inferir a posição corrupto ao papel de político. Isso porque entende-se, no meio político, que as pessoas com quem você se relaciona estão diretamente ligadas à forma como você age. Então, ao estar sempre relacionado com pessoas condenadas por corrupção, Bolsonaro também estaria propenso a ser uma delas.

A fim de refutar essas duas posições a ele atribuídas, o entrevistado lança mão de dois discursos de autoridade, um de Joaquim Barbosa e o outro de Alberto Youssef, nos quais eles afirmam, respectivamente, segundo o entrevistado, que Bolsonaro foi *o único deputado da base aliada que não foi comprado pelo PT* (l. 19) e *um dos três deputados federais do PP que não foi buscar dinheiro na Petrobrás* (l. 21-22). Em seguida, ele utiliza mais uma evidência em sua defesa da honestidade, afirmando que foi *o único deputado (...) que não aceitou doação de dinheiro da JBS da Friboi* (l. 22-24). Com essas três evidências, o entrevistado sustenta seu ponto de vista e se autoposiciona como honesto, refutando a posição corrupto. Por conseguinte, ele refuta também a posição de incoerente, já que se ele não é corrupto, pode pregar um discurso de anticorrupção sem ser incoerente com a sua prática política. Assim, as posições incoerente, corrupto e honesto entram em negociação entre os interagentes: enquanto a última é legitimada pelo entrevistado, as outras duas são instigadas pelo entrevistador.

Nos turnos que se seguem, a posição corrupto ganha destaque com as afirmações *e o dinheiro da jbs que entrou pro senhor o senhor devolveu depois* (l. 27) e *fica quase muito claro que foi uma doação disfarçada* (l. 32 e 34). Aqui percebemos que a posição incoerente que sustenta a pergunta inicial do excerto é pano de fundo para a atribuição da posição corrupto, que é muito mais desafiadora para um candidato a cargo político que a posição incoerente, em uma escala de instigação do conflito interacional.

O entrevistado percebe o enquadramento e inicia seu turno seguinte apaziguando-o *calma eu te explico* (l. 35). Como afirmam Haugh e Sinkeviviute, os interagentes “manifestam oposição a uma ação ofensiva antecedente” (2019, p. 12), utilizando de estratégias ofensivas ou defensivas. O entrevistado usa o movimento defensivo explicando o depósito em sua conta na campanha de 2014; ele não contesta a evidência, mas apresenta um ponto de vista diferenciado na disputa pelas posições alocadas: para o entrevistador foi uma doação disfarçada que seria ilegal, posicionando-o como, no mínimo, desonesto; para o entrevistado foi uma falha do partido, sendo a quantia devolvida, posicionando-se como honesto e ético.

Nessa negociação entre posições associadas a papéis sociais, o conflito se instaura de forma semelhante ao excerto (1), marcado discursivamente por discordância e sobreposições de falas. Além dessas estratégias recorrentes nos dados, a acusação também se apresenta como instigadora do conflito, tornando as sequências conflituosas mais longas e disputadas entre os participantes.

O excerto a seguir traz uma sequência longa de disputa em que acusações são proferidas para ambos os lados: entrevistador e entrevistado. O tema é privilégios dos parlamentares. A questão *privilégios* foi o ponto principal do segundo bloco da entrevista. Antes dos privilégios dos parlamentares, foi colocado em pauta, pelo entrevistado, o seu ponto de vista contrário ao acesso de cotistas às vagas de concursos públicos, incluindo as vagas de acesso às universidades, que ele considera um privilégio de alguns grupos sociais. Na sequência, a entrevistadora questiona o entrevistado sobre a reforma da previdência no que tange à aposentadoria dos policiais militares, perguntando: *então o senhor vai manter os privilégios dos policiais?*. Entre o *privilégio* dos cotistas e o *privilégio* dos policiais militares há uma oposição no ponto de vista do entrevistado: enquanto ele é contra o primeiro, se mostra a favor do segundo, respondendo à pergunta da entrevistadora: *não, não é privilégio, não é privilégio, tá? nós militares temos hora pra chegar mas não temos hora pra sair*. Respondendo no papel social de militar, o entrevistado traz para si a posição privilegiado atribuída, refutando-a. É nesse cenário de disputa entre o legitimar e o refutar da posição privilegiado que se insere, na sequência, o excerto abaixo:

Excerto (3)

01 Daniela já que o senhor discorda de qualquer privilégio eu queria saber é::
02 o senhor defendeu o recebimento de auxílio moradia e recentemente
03 numa:: palestra, na cni o senhor indicou que é:: cogitari:a ou
04 analisari:a a incorporação aumentar o teto do funcionamento o teto
05 do servidor público dos salários para poder incorporar benefícios
06 que depois seriam extintos (...)
12 onde tá a coerência? é o senhor que acha que dá para incorporar
13 um privilégio para tentar é: suprir digamos a categoria que tá
14 no um por cento da popula- mais rico da população que são esses
15 servidores que ganham [mu:ito dinheiro]

16 Bolsonaro [olha só eu] tenho que buscar o consenso em alguma
17 coisa se for no ferro e fogo não vou chegar a lugar nenhum, tem
18 uma quantidade considerável de pessoas que estão na política e
19 outros que estão aqui fora estão aposentados ganham vinte mil por
20 mês é uma <baita> de uma aposentadoria (...)
24 nessa questão falei QUEM sabe? quem sabe? um extra teto de até
25 cinquenta por cento no máximo TENDO em vista ele levar uma outra
26 aposentadoria você não pode privar uma pessoa de sessenta setenta
27 anos de idade caso queira ser parlamentar eu sei que está sendo
28 voluntário para isso e hon- e honrar todas as suas despesas tá?
29 >com a com a< sua aposentadoria que ele construiu ao longo de
30 >trinta e cinco quarenta anos<

31 Daniela privilégios do parlamento [o senhor]
32 Bolsonaro [tem bastante]

33 Daniela exato o senhor acha que
34 algum é: é deveria o- os deputados e senadores deveriam abrir
35 mão de alguma coisa?

36 Bolsonaro °olha°, se eu falar deveria você pode perguntar por que que eu
37 não abri mão?

38 Daniela [exato]

39 Bolsonaro [você] pode ver ano passado <nós parlamentares> recebemos
40 uma verba anual pra: >movimentar< o gabinete e o pessoal do rio
41 de janeiro recebe aproximadamente quatrocent- >REcebe não< tem
42 direito a gastar até quatrocentos mil reais, po entra na internet
43 faz uma pesquisa eu gastei: pouco devo- não gastei quase duzentos
44 mil reais eu [economizei quase duzentos mil]

45 Daniela [por exemplo a folha fez uma] reportagem ao senhor ficou:
46 é: >você você< falou: bastante sobre isso na internet um pouco
47 irritado eu vou retomar aqui aí o senhor pode explicar novamente
48 mas, o senhor recebeu auxílio [moradia]

49 Bolsonaro [°tá°]

50 Daniela tendo um imóvel=

51 Bolsonaro =sim

52 Daniela esse dinheiro, por exemplo não é um dinheiro que o senhor poderia
53 não ter usado?

54 Bolsonaro olha só

55 Daniela se o [senhor tem a sua casa?]

56 Bolsonaro [o que que diz a ca-]

57 Daniela não só a sua
58 [casa o senhor tem vários imóveis mais de uma dezena]

59 Bolsonaro [o que que diz a le-le o que que diz a]

60 Daniela [de imóveis]

61 Bolsonaro [legislação]

62 da câmara tá certo? você pode morar em um imóvel funcional, um
63 apartamento de duzentos metros quadrados mais ou menos e não
64 recebe auxílio-moradia, você aluga uma casa ou vai morar em um
65 hotel apresenta a nota aí, sem problema e a terceira hipótese
66 que é minha é legal

67 Daniela não, é legal mas é é moral? [°essa é a pergunta°]

68 Bolsonaro [não perai espera aí] PERAI eu
69 te pergunto você recebe como pessoa física ou pessoa jurídica?

70 Daniela eu sou: [carteira] ((sinaliza como se assinasse algo))

71 Bolsonaro [não não] o JORNALISTA recebe como re- como pessoa

72 como pessoa jurídica

73 Daniela não é o [meu caso]

74 Bolsonaro [isso não isso] >tudo bem pode não ser o seu caso< mas

75 é imoral pro pra vocês da imprensa também é imoral também=

76 Daniela =por quê?

77 Bolsonaro no mesmo raciocínio, >porque cês< pagam menos imposto de renda

78 vocês não pagam vinte e sete e meio [pagam dez por cento ()]

79 Daniela [mas isso tá na lei]

80 Bolsonaro [não a tá na lei]

81 Daniela [não mas imagina]

82 Bolsonaro o meu também tá na lei

83 Leonêncio eu em [eu pago vinte e sete e meio]

84 Daniela [não não veja veja veja eu-]

85 Bolsonaro [eu recebo olha só eu]

86 Daniela [receber um salário]

87 Bolsonaro [olha o meu caso,]

88 Daniela eu não estou [questionando o valor do]

89 Bolsonaro [ta na le- ta na lei]

90 Daniela [salário do senhor]

91 Bolsonaro [ta em ato da mesa]

92 Daniela só um minuto ((sinaliza com as mãos, pedindo silêncio))

93 um jornalista receber um salário, por um serviço <prestado> como

94 pessoa jurídica <ok> o seu- eu não estou questionando o salário

95 do senhor estou questi- questionando um privilegio

96 Bolsonaro [não mas olha só]

97 Daniela [mais ninguém aqui] recebe auxílio moradia nem auxílio

98 paletó nem auxílio:: verba indenizatória ninguém aqui, ninguém

99 aqui tem combustível pago pelo estado o senhor tem

100 Bolsonaro [olha só calma olha só calma]

101 Daniela [essa verba o senhor não precisava]

102 Bolsonaro calma que eu- eu não gastei duzentos mil dos quatrocentos que

103 podia gastar >como é que eu possa pagar passagem com o meu

104 salário?<

105 não tenho condições: EU tenho inclusive o direito de viajar todo

106 o brasil com essa verba da câmara porque eu sou que eu represento

o brasil quem representa o estado [é senador]

107 Thais [deputado]

108 Bolsonaro e a terceira <hipótese>

109 que tá na legislação da câmara o parlamentar por exemplo, ele

110 recebe auxílio moradia e é descontado vinte e sete e meio por

111 cento de imposto de renda >que era o meu caso<

112 Thais [posso fazer uma pergunta sobre isso?]

113 Bernardo [eu queria ()]

114 Bolsonaro olha só se eu estivesse infringindo a legislação o eme- o mp

115 estaria em cima de mim pode ter certeza no tocante a isso aí

É perceptível no excerto (3) que as posições privilegiado e imoral são alvos de disputa através de acusações de ambos os lados – entrevistador e entrevistado –, gerando uma longa sequência de conflito, marcada por sobreposições de fala, tomadas de turno e discordâncias diretas.

Daniela, no primeiro turno, enquadra Bolsonaro a partir da defesa de seu ponto de vista anterior⁸ *Já que o senhor discorda de qualquer privilégio eu queria saber* (l. 1) e o questiona sobre a proposta de incorporar benefícios ao teto do salário dos servidores públicos; um privilégio para a *categoria que tá no um por cento mais rico da população* (l. 13-14). Ao levantar essa evidência, é atribuído novamente ao entrevistado a posição incoerente, mas dessa vez de forma explícita com a pergunta *onde tá a coerência?* (l. 12). Essa posição gira em torno do fato de Bolsonaro apresentar-se contra qualquer tipo de privilégio, mas defender o *recebimento de auxílio moradia* (l. 2) e aceitar os privilégios de aposentadoria de certos grupos, inclusive dos parlamentares, mencionado por ele em sua resposta ao turno (l. 16-30).

A sequência conflituosa de acusação se inicia quando a entrevistadora menciona diretamente os *privilégios do parlamento* (l. 31) e sugere que *os deputados e senadores deveriam abrir mão* (l. 34-35) de alguns benefícios, inclusive Bolsonaro que foi parlamentar por sete mandatos consecutivos e *recebeu auxílio moradia* (l. 48), sendo proprietário de *mais de uma dezena de imóveis* (l. 58 e 60). Ao justificar que esse benefício é legalizado, o entrevistado ouve da entrevistadora, em uma fala sobreposta, que o benefício pode ser legal, mas não seria moral (cf. l. 67). Nesse momento, a posição imoral é trazida à interação associada ao papel social de parlamentar, que, como deputado, atinge diretamente ao entrevistado. E ainda pode atingir o seu papel social de candidato, pois ao defender certos privilégios, como das aposentadorias de militares e parlamentares, mas condenar o benefício das cotas, o entrevistado apresenta-se como um candidato parcial em suas propostas de governo, favorecendo uns grupos sociais em detrimento de outros.

O entrevistado percebe o enquadramento da posição imoral, perpassada pela posição privilegiado, e o contesta ativamente, com marcas discursivas representadas pelo aumento do tom de voz em uma fala sobreposta (l. 68). Ao tomar o turno, Bolsonaro instiga o conflito instaurado ao rebater a posição imoral, devolvendo-a à entrevistadora em seu papel social de jornalista, que segundo ele, *recebe como pessoa jurídica* (cf. l. 71-72), sendo *imoral também* (l. 75), pois assim o jornalista paga menos imposto de renda; *não pagam vinte e sete e meio, pagam dez por cento* (l. 78). Com essas informações, Bolsonaro tenta equiparar o posicionamento imoral atribuído ao papel social de parlamentar ao mesmo posicionamento associado ao papel social de jornalista. É o mesmo que dizer: ao me posicionar como imoral no papel social de parlamentar, eu o posiciono de forma igual no papel de jornalista, já que ter direito ao auxílio moradia e receber como pessoa

8. O fato de ser contrário ao privilégio das cotas e não considerar como privilégios os benefícios de aposentadoria dos militares (polícia e exército).

jurídica são privilégios garantidos por lei para os dois papéis assumidos. O embate é claro quando a entrevistadora afirma: *mas isso tá na lei* (l. 79) e é rebatida com: *o meu também tá na lei* (l. 82).

Ao retomar o turno (l. 92), a entrevistadora desfaz o paralelo traçado pelo entrevistado em relação aos dois papéis, refutando a posição imoral atribuída a ela como “membro de uma dada categoria” (WEIZMAN, 2006, p.156) – o jornalista –. Entre as linhas 92 e 101, Daniela discorda diretamente de Bolsonaro, afirmando que o auxílio moradia é um privilégio, o qual nenhum jornalista possui: *ninguém aqui recebe auxílio-moradia, nem auxílio paletó, nem auxílio verba indenizatória, ninguém aqui tem combustível pago pelo estado, o senhor tem*. Então comparar o papel de parlamentar ao papel de jornalista, considerando as duas posições associadas, seria um erro do entrevistado, o que causa a sequência conflituosa entre os turnos.

É interessante notar que nos turnos finais do excerto, Bolsonaro reafirma que esses privilégios mencionados são um direito do parlamentar porque está na *legislação da câmara* (l. 109). Com essa justificativa, ele legitima a posição privilegiada atribuída no início do excerto e que foi o ponto de partida para o conflito instaurado.

O autoposicionamento realizado após a refutação da posição atribuída é uma característica peculiar nos dados, pois deixa claro que o entrevistado tem a intenção de contestar a posição considerada desfavorável, mas a legitima ao justificar a evidencia colocada em pauta. O excerto 4 é um exemplo claro disso:

Excerto (4)

01 Ricardo mas o senhor defende muito >a vo a volta< né da: dos milita:res
02 e vai <cercar> de militares o seu governo, mas o senhor parece
03 não
04 ter se dado muito bem na vida militar né? o senhor (0,2) foi saiu
foi expulso talvez da: do exército [e:: depois é o:]
05 Bolsonaro [hhh]
06 Ricardo stm reformou
07 e o senhor foi aposentado como capitÃO então o senhor defende
08 a disciplina mas: (0,1) num era muito [adaptado a disciplina]
09 Bolsonaro [tudo bem vamos lá] é
10 até bom porque no começo né falaram que: isso teria acontecido
11 comigo, eu respondi (0,2) >uma transgressão disciplinar peguei
12 quinze de detenção< (...) eu não fui expulso (0,2) quando eu
13 me elegi vereador como diz a própria constituição por ocasião
14 da data da minha DIplomação eu passei pra reserva, então eu sou
15 um capitão da reserva do exército brasileiro agora dei minhas
16 caneladas sim agora nun:ca ofendi um superior >na minha vida<

O entrevistador, acima, atribui a posição indisciplinado ao entrevistado em seu papel social de militar, o qual refuta primeiramente com risos (l. 5) e depois contesta a informação de que tenha sido expulso do exército: *eu não fui expulso, eu passei para a reserva por ocasião da eleição a vereador do Rio de Janeiro* (l. 12-15). No entanto, ressalta que respondeu a *uma transgressão*

disciplinar (l. 11) e pegou quinze dias de detenção, além de informar que *dei minhas caneladas sim* (l. 15). Esses argumentos de refutação à posição atribuída não funcionam como pretendia o entrevistado, pois *dar canelada* e *pegar detenção* não são características de um militar disciplinado. Dessa forma, o entrevistado legitima a posição que ele pretendia refutar.

O riso de Bolsonaro na linha 5 é um atenuante à informação potencialmente conflituosa para os dois papéis sociais em carga nesse momento: o de militar e o de candidato. O fato de ser expulso da carreira militar é uma acusação grave para o candidato que tem no fato de ser militar uma de suas marcas registradas politicamente. O riso atenua o desafio, mas não o resolve, pois ele ratifica a posição antes atribuída.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo teve como objetivo evidenciar a inter-relação entre papel social, posição e conflito, a partir da análise de uma entrevista política. Como resultados principais podemos sintetizar: (a) as posições atribuídas ao entrevistado possuem teor desfavorável, enquanto as reivindicadas por ele são sempre favoráveis; (b) não há diferença em termos de instauração do conflito entre as posições atribuídas e as reivindicadas; (c) as posições atribuídas não são aleatórias. São manifestadas estrategicamente em questionamentos desafiadores ao entrevistado; (d) quatro estratégias de intensificação ou iniciação do conflito sequencial se fizeram recorrentemente presentes: discordância, sobreposição de fala, acusação e disputa pelo turno de fala; (e) as sequências de acusação são intensificadas pelo entrevistado ao refutar as posições atribuídas, consideradas por ele desfavoráveis aos seus papéis sociais em carga na interação, e defender seus pontos de vista. Nos dois casos, o conflito é instaurado ou ratificado; (f) o riso, apesar de não recorrente, é usado como estratégia atenuante de uma sequência de conflito em potencial.

Esses resultados evidenciam que o conflito interacional circunda as relações entre papel social e posição manifestados no curso da entrevista. Além disso, é relevante o fato de a situação conflituosa não ser estabelecida *a priori* da entrevista e, sim, desenvolvida ao longo dela, o que nos faz questionar se esse tipo de atividade (SARANGI, 2011) favorece o surgimento do conflito ou se os participantes da atividade – principalmente o entrevistado – são os responsáveis pela instauração e intensificação do conflito. Nesse último caso, precisaríamos investigar traços identitários, como condutas agressivas individuais e questões de não-aceitação do outro, o que, sem dúvida, geram objetos de estudo para futuras pesquisas na área.

THE INTERRELATION BETWEEN SOCIAL ROLE AND POSITION IN THE MANIFESTATION OF THE INTERACTIONAL CONFLICT

ABSTRACT: This paper aims to analyze how the positions associated with social roles manifested in a political interview results in conflict during the interaction. Anchored in the sociointeractional studies of Linguistics, the paper operates with theoretical relation between social role, position and conflict, underpinning, among others, by Weizman (2008), XXXXX (2018a) and Haugh and Sinkeviciute (2018, 2019). The analyzed interview was taken from the television program *Roda Viva* from *TV Cultura*, broadcasted live on 07/30/2018, in which the guest was then the presidential candidate Jair Bolsonaro. This interview is part of the corpus of the research project XXX, which consists of four more interviews of the mentioned program, covering various political scenarios in Brazil over the last twenty years. From a qualitative and interpretative approach, the assessment highlights that the positions, related to social roles, are interactionally disputed, through sequences of conflict permeated by interactional strategies such as accusations and disagreements.

KEYWORDS: Social role. Position. Interactional conflict. Political interview.

REFERÊNCIAS:

ALCAIDE, Esperanza. La ironía, recurso argumentativo en el discurso político. **RILCE**, Sevilla, v. 20, n.2, p. 169-189, 2004.

ANGOURI, Jo; TSELIGA, Theodora. 'You have no idea what you are talking about!' From e-disagreement to e-impoliteness in two online fora. **Journal of Politeness Research**, v.6, n. 1, p.57-82, 2010.

BLAS ARROYO, José Luis. 'No eres inteligente ni para tener amigos...Pues anda que tú': A Quantitative Analysis of the Production and Reception of Impoliteness in Present-day Spanish Reality Television. In: LORENZO-DUS, Nuria; BLITVICH, Pilar (Orgs). **Real Talk: Reality Television and Discourse Analysis in Action**. NY: Palgrave Macmillan, 2013, p. 218-244.

DAVIES, Bronwyn; HARRÉ, Rom. Posicionamiento: la producción discursiva de la identidad. **Sociológica**, v. 14, n.39, p. 215-239, 1999.

DERSLEY, Ian; WOOTTON, Anthony. Complaint sequences within antagonistic argument. **Research in Language and Social Interaction**, v. 33, p. 375-406, 2000.

ERICKSON, Frederick. Qualitative Research Methods of Science Education. In: FRASER, Barry; TOBIN, Kenneth. **International Handbook of Science Education**, Springer, 1998, p.1155-1173.

GOFFMAN, Erving. **Frame analysis**. New York: Harper & Row, 1974.

GRIMSHAW, Allen. **Conflict talk: Sociolinguistic investigations in conversations**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1990.

GRYNER, Helena. A sequência argumentativa: estrutura e funções. **Veredas – Revista de Estudos Linguísticos**, Juiz de Fora, v. 4, n.2, p. 97-112, jul/ dez, 2000.

HARRÉ, Rom. Positioning Theory. In: TRACY, Karen; SANDEL, Todd; ILIE, Cornelia (Orgs.). **The International Encyclopedia of Language and Social Interaction**, 2015.

HARRÉ, Rom *et al.* Recent Advances in Positioning Theory. **Theory & Psychology**, v.19, n.1, p. 5-31, 2009.

HAUGH, Michael; SINKEVIVIUTE, Valeria. Accusations and interpersonal conflict in televised multi-party interactions amongst speakers of (Argentinian and Peninsular) Spanish. **Journal of Language Aggression and Conflict**, v. 6, n. 2, p.248- 270, 2018.

HAUGH, Michael; SINKEVIVIUTE, Valeria. Offence and conflict talk. In: JEFFRIES, Lesley; O'DRISCOLL, Jim; EVANS, Matthew (Orgs.). **The Routledge Handbook of Language in Conflict**. 2018.

HOLLWAY, Wendy. Gender differences and the production of subjectivity. In: HENRIQUES, Julian *et al.* (Orgs.). **Changing the subject: Psychology, Social Regulation and Subjectivity** London: Methuen, 1984, p. 227–263.

HUTCHBY, Ian. Non-neutrality and argument in the hybrid political interview. **Discourse Studies**, v.13, n.3 p. 349-356, 2011.

LANGENHOVE, Van; HARRÉ, Rom. Introducing positioning theory. In: HARRÉ, Rom; LANGENHOVE, Van. **Positioning Theory: moral contexts of intentional action**. Oxford: Blackwell Publishers, 1999, p. 14-31.

LEUNG, Santoi. Conflict Talk: A Discourse Analytical Perspective. **Academic Commons: Columbia University Libraries**, p. 1-19, 2002.

PACHECO, R. A dinamicidade de papéis e posições em uma entrevista-debate. **Revista Recorte**, v. 15, n. 2, p. 1-20, 2018a.

PACHECO, R. A conceptualização de papel: uma revisão teórica. **Estudos da Língua(gem)**, v. 16, n. 2, p. 69-80, 2018b.

PACHECO, R. A atribuição/ reivindicação do papel social na construção da defesa do ponto de vista. **Revista do GEL**, v. 17, n. 1, p. 214-233, 2020

PÉREZ-ARREDONDO, Carolina. Motives and social actor positioning: the representation of the Chilean student movement in the national press. **Communication & Society**, v.32, n.4, p. 239-255, 2019.

SACKS, Harvey; SCHEGLOFF, Emanuel; JEFFERSON, Gail. A Simplest Systematic for the Organization of Turn Taking for Conversation. **Language**, v.50, n.4, p. 696 - 735, 1974
SARANGI, Srikant; SLEMBROUCK, S. **Language, Bureaucracy and Social Control**. London: Longman, 1996.

SARANGI, Srikant. Reconfiguring Self/Identity/Status/Role: The Case of Professional Role Performance in Healthcare Encounters. **Journal of Applied Linguistics and Professional Practice**. P. 75–95, 2010.

SARANGI, Srikant. Role hybridity in professional practice. In: SARANGI, Srikant; POLESE, Vanda; CALIENDO, Giuditta. (Orgs.) **Genre(s) on the Move: Hybridisation and Discourse Change in Specialised Communication**. Napoli: Edizioni Scientifiche Italiane (ESI), 2011.

SILVA, Mauricio; VIEIRA, Amitza. Ideologia e construção de identidades em uma audiência de conciliação no Procon. **Fórum linguístico**. v. 16, n. 2, p. 3685 - 3698, 2019.

STOKOE, Elizabeth. Doing Actions with Identity Categories: Complaints and Denials in Neighbor Disputes. **Text & Talk**, v. 29, n.1, p. 75–97, 2009.

WEIZMAN, Elda. Shifting roles: a challenge strategy in news interviews on Israeli television. In: SCHWARZWALD, Ora.; SHLESINGER, Y. (Orgs.). **Hadassah Kantor Jubilee Book**. Ramat Gan: Language Research Papers, 1996, p. 85–95.

WEIZMAN, Elda. Roles and identities in news interviews: The Israeli context. **Journal of Pragmatics**, v. 38, p. 154–179, 2006.

WEIZMAN, E. **Positioning in media dialogue: negotiating roles in the news interview**. Série Dialogue Studies. Amsterdam – Philadelphia. John Benjamins Publishing, 2008.

ANEXO

Convenções de Transcrição adaptadas de Sacks, Schegloff e Jefferson (1974):
pausa em décimos de segundo.

.	descida de entonação.
?	subida de entonação.
,	entonação contínua.
-	autointerrupção.
=	contiguidade entre a fala de dois falantes distintos.
: ou ::	alongamentos.
[colchetes]	fala sobreposta
sublinhado	acento ou ênfase de volume.
MAIÚSCULA	aumento de volume.
>palavras<	fala comprimida ou acelerada.
<palavras>	desaceleração da fala.
°palavras°	trecho falado mais baixo.
(palavras)	transcrição duvidosa.
()	transcrição não entendível.
(())	comentários do analista.
(...)	Trecho recortado da transcrição.
(h)	aspirações durante a fala.
hhh	riso.
“aspas”	fala reportada/ diálogo construído.